

**“POR QUE PERSONAGENS MASCULINOS SÃO MAIS LEGAIS?”:
AS REPRESENTAÇÕES DE HOMENS E MULHERES
EM NARRATIVAS DE ALUNOS DE ENSINO MÉDIO**

Ana Paula Ferreira (UERJ e CP II)
anapaferr@gmail.com

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de analisar as representações do feminino e do masculino preponderantes em narrativas de alunos do Ensino Médio de uma escola pública do município do Rio de Janeiro. Para tanto, foram utilizados pressupostos da Linguística Cognitiva, tais como metáfora conceitual, modelo cognitivo idealizado, frames e modelos prototípicos, os quais foram apresentados aos estudantes de modo sucinto. A partir da identificação desses elementos nos contos previamente produzidos em sala, os papéis atribuídos às mulheres e aos homens foram destacados para posterior discussão acerca das imposições sociais que permeiam a construção do feminino e do masculino. Desse modo, os alunos puderam não só questionar uma pretensa naturalidade desses papéis, como também reconhecer a própria voz como instrumento que, mesmo de modo inconsciente, auxilia no reforço e na reprodução de estereótipos.

Palavras-chave:

Linguística Cognitiva. Produção textual. Representações de gênero.

ABSTRACT

This study aims to analyze the prevailing representations of the feminine and the masculine in narratives by high school students from a public school in Rio de Janeiro. To this end, assumptions of Cognitive Linguistics were utilized, such as conceptual metaphor, idealized cognitive models, frames, and prototypical models, which were briefly presented to the students. Based on the identification of these elements in the stories previously produced in class, the roles assigned to women and men were highlighted for subsequent discussion regarding the social impositions that permeate the construction of the feminine and the masculine. In this way, students were able not only to question an alleged naturalness of these roles, but also to recognize their own voice as an instrument that, even unconsciously, helps to reinforce and reproduce stereotypes.

Keywords:

Gender representations. Cognitive Linguistics. Textual production.

1. Introdução

Atividades de produção textual são sempre um desafio para professores de línguas na educação básica. Os alunos costumam alegar que não gostam de escrever, que não conseguem colocar suas ideias no papel, e alguns chegam até mesmo a falar que “não têm criatividade”. No entanto, basta conversar um pouco com eles para perceber que, sem dúvida, tal afirmação não corresponde à realidade.

Não é a intenção desta pesquisa investigar quais seriam os fatores que dificultam a escrita, mas, certamente, propostas de redação voltadas primordialmente para a correção gramatical, com foco no erro, acabam por desestimular a sua prática.

Trabalhar com temas que estejam alinhados à rotina dos alunos, ou que façam parte de seu repertório, parece uma estratégia eficaz, pois, além de motivá-los (visto que reconhecem que têm algo a dizer), configura-se como uma possibilidade de reflexão sobre suas crenças e de valorização de suas experiências.

Há alguns anos, trabalho com turmas de 1º ano do ensino médio. O programa curricular dessa série orienta que sejam exercitados os textos narrativos e, desse modo, busco apresentar temas que permitam o desenvolvimento do enredo de modo simples, com situações cotidianas.

Durante esse período, venho observando significativas diferenças na construção das personagens femininas e masculinas. Os homens, geralmente, são apresentados como protagonistas de textos de aventura, com enredo voltado a práticas profissionais e execução de tarefas racionais; são personagens fortes e objetivos. Já as mulheres são protagonistas de histórias voltadas a relacionamentos afetivos e amorosos, sendo construídas como personagens sensíveis e emotivas.

Desse modo, o presente estudo tem o objetivo de investigar as representações do feminino e do masculino preponderantes nas narrativas de alunos de ensino médio de uma escola pública do município do Rio de Janeiro, utilizando conceitos da Linguística Cognitiva, tais como metáfora conceptual, *frames*, modelos cognitivos idealizados e modelos prototípicos, visando a uma melhor compreensão dos processos cognitivos utilizados nessas construções.

Pretendo que os papéis atribuídos a homens e mulheres possam ser reconhecidos pelos alunos como construções sociais, estando, portanto, sujeitos a questionamentos e mudanças. E que, ao reconhecerem sua voz em seus textos, eles possam resgatar o prazer da escrita, principalmente como fonte de reflexão e reprodução de seus valores e crenças.

2. A metáfora conceptual na compreensão da configuração de um grupo social

De acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), a metáfora é um mecanismo do pensamento com manifestações linguísticas. Sendo empregada no dia a dia por todas as pessoas, a metáfora é parte integrante do

pensamento humano, auxiliando na estruturação deste e na compreensão de conceitos.

Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 4), “uma metáfora conceitual é uma maneira convencional de conceptualizar um domínio de experiências em termos de outro”. Domínio é o nome dado à área do conhecimento ou experiência humana. Na metáfora conceitual, o domínio ao qual se deseja conceptualizar é chamado de domínio-alvo. Por necessitar se uma estruturação para ser compreendido, ele é relacionado a outro domínio, mais significativo: o domínio-fonte. Os dois domínios são, então, ligados por uma projeção metafórica, a qual é motivada naturalmente por uma correlação estrutural que os associa (Lima; Feltes; Macedo, 2008, p. 138).

O domínio-fonte é geralmente mais concreto ou físico, e o domínio-alvo, mais abstrato, o que é facilmente justificado pelo fato de este ser utilizado como facilitador do entendimento daquele. Logo, domínios-fonte e domínios-alvo não são reversíveis; o processo metafórico caminhará do mais concreto para o mais abstrato, o que nos leva a confirmar o papel das metáforas conceituais na compreensão de conceitos de difícil definição.

As metáforas conceituais motivam a utilização de expressões linguísticas metafóricas e é através destas que aquelas são evidenciadas. Ou seja, as expressões linguísticas metafóricas são as manifestações (modos de falar) das metáforas conceituais (modos de pensar), sendo, portanto, mecanismo possibilitador de reconhecimento das metáforas conceituais licenciadoras.

Ao nos depararmos, por exemplo, com expressões linguísticas metafóricas tais como: “nosso casamento não está indo bem”, “esse relacionamento chegou a um beco sem saída”, possibilitadas pela metáfora conceitual O AMOR É UMA VIAGEM, temos

[...] a compreensão de um domínio da experiência, o amor, em termos de um domínio muito diferente da experiência, as viagens. A metáfora pode ser entendida como um mapeamento [...] de um domínio de origem (neste caso, as viagens) a um domínio alvo (neste caso, o amor). O mapeamento é estruturado sistematicamente. Há correspondências, de acordo com as quais as entidades no domínio do amor (por exemplo, os amantes, seus objetivos comuns, suas dificuldades, a relação amorosa etc.) correspondem sistematicamente a entidades no domínio de uma viagem (os viajantes, o veículo, os destinos etc. (Lakoff, 1986, p. 215-216)

Confirmando a importância da cultura na formação das metáforas, Kövecses (2010) apresenta exemplos em que domínios-fonte distintos são utilizados para um mesmo alvo em línguas diferentes. São as chamadas metáforas alternativas, que demonstram as variações interculturais.

É o caso das metáforas FELICIDADE SÃO FLORES NO CORAÇÃO e ESTAR FELIZ É ESTAR COM OS PÉS FORA DO CHÃO. Enquanto a primeira é bastante usual na língua chinesa e inexistente na língua inglesa, o inverso ocorre com a segunda. De acordo com Ning Yu (1998, apud Kövecses, 2010), essas metáforas refletem o caráter de seus falantes (respectivamente, mais introspectivo e mais extrovertido).

Em estudo comparativo sobre o conceito de amor entre alemães e brasileiros, Schröder (2004, 2008) também defende que a cultura influencia no uso de metáforas. Enquanto, na Alemanha, a metáfora AMOR É UM APARELHO FUNCIONANDO é bastante frequente, as metáforas AMOR É CONQUISTA e AMOR É COMIDA prevalecem no Brasil.

Kövecses (2005) igualmente demonstra a presença de variações metafóricas dentro de uma mesma cultura, pois grupos sociais diferentes podem apresentar concepções díspares acerca de certos aspectos do mundo. No Japão, por exemplo, há a conceptualização de MULHERES como MERCADORIAS, e, conseqüentemente, como PRODUTOS EM PROMOÇÃO. Com os homens, porém, isso não acontece. Expressões como “essa mulher é minha” são comumente encontradas, o que não ocorre, no entanto, com “esse homem é meu”.

“Significados e também metáforas não são conceitos estáveis e culturalmente entrenchados, mas, sim, são negociados e re-negociados no decorrer da interação social” (Schröder, 2008, p. 41). Quando as características da cultura mudam, o mesmo ocorre com as metáforas e com as expressões linguísticas metafóricas. Nesse sentido, as metáforas são tão culturais quanto cognitivas.

Pode-se, então, concluir que o estudo das metáforas se apresenta como fundamental para a compreensão de uma determinada cultura, a partir da conceptualização de suas experiências. As metáforas acabam por refletir a ideologia e a visão de mundo da cultura a qual pertencem.

3. *Frames, modelos cognitivos idealizados e a categorização de grupos sociais*

Fillmore estabelece o conceito de *frame*, definindo-o como qualquer “sistema de conceitos relacionados, de tal forma que para entender qualquer um deles é necessário compreender toda a estrutura em que se enquadra” (Fillmore, 1982, p. 111).

Conforme esclarece Lakoff (2004), os *frames* não só facilitam nossas interações com o mundo; eles constroem nossas ideias e conceitos, modelam

o nosso raciocínio e, assim, influenciam o modo como agimos e percebemos o mundo.

Quando nos deparamos com um grupo de verbos, tais como “comprar”, “vender”, “gastar”, “custar”, “cobrar”, nossa interpretação da cena dependerá do acesso a estruturas de conhecimentos que estão relacionadas a situações comuns, pertencentes a experiências do dia a dia (FERRARI, 2011, p. 50).

O *frame* de EVENTO COMERCIAL é acessado, o qual fornecerá a base para o reconhecimento desses processos (Fillmore, 1982, p. 116-17), e, assim, cada um dos verbos mencionados destacará as relações entre os participantes: o comprador, o vendedor, a mercadoria e o valor desta.

O uso do verbo “comprar” possibilita que o *frame* de EVENTO COMERCIAL seja acessado, com destaque para o comprador e a mercadoria. Compreendemos que o comprador foi a uma loja, escolheu a(s) mercadoria(s), foi atendido por um vendedor e pagou por aquilo que escolheu, mesmo sem a representação de todo esse processo.

Segundo Langacker (2008), isso ocorre devido ao fenômeno de perfilamento, segundo o qual se reconhece que toda expressão linguística perfila (destaca) um aspecto específico de um cenário conceptual. Assim, expressões diferentes podem evocar exatamente a mesma matriz conceptual, mas perfilar elementos distintos. Por isso, apesar de evocarem o mesmo *frame* de EVENTO COMERCIAL, “comprar” perfila o comprador da mercadoria, enquanto “vender” perfila o vendedor.

Em *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about mind*, Lakoff (1987) desenvolve um estudo aprofundado sobre a metáfora, refletindo sobre as categorias e modelos cognitivos, e suas implicações filosóficas. O autor apresenta uma nova percepção, que valoriza o modo como os conhecimentos são organizados por meio de “modelos cognitivos idealizados” (MCIs).

O autor apresenta os MCIs como frutos da experiência humana e de sua capacidade de categorização. Eles são resultados da interação entre o aparato cognitivo humano (corporalizado) e a realidade e representam coesões estruturais “que juntam conceitos metafóricos, formando, desse modo, teorias cotidianas, isto é, padrões específicos de cultura [...] que residem implicitamente nas estruturas metafóricas, determinando o pensamento e os atos dos falantes.” (Schröder, 2008, p. 40).

Para Almeida et al. (2009), os MCIs são “representações cognitivas estereotipadas” e “conjunto de expectativas que ‘montam o cenário’ para o uso adequado da palavra.” (p. 24). Como exemplo, os autores trazem o MCI

de CASAMENTO, a ideia de casamento heterossexual monogâmico e dentro de uma certa idade.

Essas representações são idealizadas, portanto, não representam necessariamente o mundo real, afinal, nem todos os casamentos são heterossexuais e monogâmicos, assim como nem todas as pessoas se casam dentro de uma faixa etária predeterminada.

Assim, pode-se afirmar que os MCIs têm sua determinação estabelecida a partir de crenças, valores, necessidades, propósitos, etc., sendo utilizados para organizar domínios de experiências distintos, para entender o mundo e para dele extrair sentido. Lakoff (1987) sinaliza tal ocorrência a partir dos chamados efeitos prototípicos.

Segundo a Teoria dos Protótipos de Rosch (1973), determinados membros são considerados como mais representativos de uma espécie por suas propriedades, as quais são memorizadas mais facilmente e possibilitam a inferência de generalizações sobre a categoria em questão.

Para melhor compreensão dessa teoria, Lakoff (1987) apresenta a categoria “mãe”: sabemos que há vários modos de pensar a figura materna: o modelo biológico da mãe que gerou a criança e que cuida do filho é o membro prototípico, mas são igualmente existentes, por exemplo, a mãe doadora de leite e a mãe adotiva.

O membro prototípico é aquele que apresenta as características que são esperadas em uma comunidade, ou seja, as características que compõem o MCI. As mães que apresentam apenas algumas das propriedades constituem os membros não-prototípicos.

Membros prototípicos dentro de uma categoria são considerados os modelos ideais e recebem, portanto, status especial. Categorias como MÃE, conforme visto, assim como as de MARIDO, ESPOSA etc. têm seus membros exemplares, e eles ditam como devemos agir no mundo e quais as emoções validadas como decorrentes dessas ações (Kövecses, 2006).

4. *A análise do corpus: representações do feminino e do masculino em narrativas de alunos do ensino médio*

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativista, com fundamentação teórica em pressupostos da Linguística Cognitiva. Tem como objetivo investigar as representações do feminino, tendo como base a análise cognitiva de marcas linguísticas, em narrativas de alunos do 1º ano do ensino médio, em uma escola pública do município do Rio de Janeiro.

Em um primeiro momento, alunos de quatro turmas do 1º ano do ensino médio regular, totalizando cerca de 120 estudantes, foram convidados a escrever contos a partir da escolha de uma entre duas situações motivadoras. Desse grupo, 92 alunos, entre 15 e 18 anos, aceitaram a proposta (sendo 52 do sexo feminino e 40 do sexo masculino).

Neste artigo, faremos um recorte e trabalharemos somente com uma das situações ofertadas. Nosso *corpus*, assim, é constituído por 49 contos.

De posse dos contos, busquei mapear os mecanismos cognitivos, com a análise de frames, MCIs e elementos prototípicos da categoria mulher, questionando como homens e mulheres eram preferencialmente construídos.

Na última etapa, essas considerações foram levadas aos alunos, de modo que eles percebessem as representações preponderantes do feminino presentes em seus textos, e reconhecessem sua autoria nessas construções.

Situação motivadora:

Andava rapidamente pela rua, quando um forte barulho chamou sua atenção. Precisava chegar logo ao trabalho, tinha uma reunião importante, mas retornou para ver o que se tratava.

Como se pode perceber, não há qualquer marca linguística que indique o sexo da personagem principal, a escolha seria feita pelos alunos ao escreverem suas narrativas.

Observemos, inicialmente, a configuração do enredo da situação motivadora. Qual evento inesperado causou o forte barulho e impediu o deslocamento do homem e da mulher para o trabalho?

Quadro 1: Impeditivos para o deslocamento de homens e mulheres.

PERSONAGEM MASCULINO (27 contos)	PERSONAGEM FEMININO (22 contos)
Acidente de carro / moto – 6	É atropelada – 4
Criatura sobrenatural – 3	Acidente de carro – 3
Tiro – 3	Tiro – 2
Fenômenos naturais – 3 (terremoto, meteoro e trovão)	Cachorros – 2
Explosão – 2 (bombas, atentado em posto de gasolina)	Explosão – 2 (gás de cozinha, panela de pressão)
Atropelamento – 2	Incêndio – 1
Gatos – 2	Sirene de polícia – 1
Carro desgovernado – 1	Desabamento – 1
Incêndio – 1	Brinquedo – 1
Ataque terrorista – 1	Ataque racista – 1

Sino – 1	Fogos de artifício – 1
Alienígena – 1	Despertador – 1
Homens em uma moto – 1	Bode (Diabo) – 1
	É ela mesma – 1

Fonte: A autora (2025).

Os dados acima nos permitem verificar que as produções com personagens masculinos parecem ser mais atrativas, com possibilidades de narrativas de aventuras, em que os homens enfrentam de ataques terroristas a ataques alienígenas, passando por criaturas sobrenaturais, terremotos e meteoros.

Tanto nos contos femininos quanto nos masculinos, há grande quantidade de acidentes de carro, mas somente as mulheres são atropeladas. Além disso, as explosões também são diferentes para os homens e para as mulheres; enquanto elas lidam com gás de cozinha e panela de pressão, os homens enfrentam bombas e atentados em posto de gasolina.

4.1.A agentividade masculina e feminina

Apresentaremos, a seguir, fragmentos de algumas narrativas, de modo a ilustrar a recorrência de padrões nas representações do feminino e do masculino.

Nas narrativas com protagonistas masculinos, observou-se na maioria delas a existência de um padrão recorrente: a construção de um frame de herói; o homem enfrenta riscos, socorre vítimas, liga para ambulância, sendo recompensado por suas ações.

(1) O acidente

[...] Caspian, um rapaz alto, de pele clara, olhos azuis claros e corpo esguio utilizava um sobretudo preto e jaqueta bege. Ele andava rapidamente pela cidade movimentada [...].

O jovem havia dormido muito e agora estava atrasado e precisava chegar ao trabalho o mais rápido possível para participar de uma reunião importante [...], porém de repente um barulho alto chamou a sua atenção e o fez parar.

Era uma batida de carro que aconteceu logo atrás dele, Caspian sabia que estava atrasado mas não conseguiu ignorar a situação e foi ajudar.

O rapaz ligou para a ambulância rapidamente enquanto prestava os primeiros socorros a uma criança que estava na parte de trás do carro [...].

Como Caspian era um funcionário exemplar seu chefe foi compreensivo e não puniu o jovem rapaz e no fim Caspian acabou por adotar o garoto do acidente e até subiu de cargo na empresa.

(2) O barulho misterioso

[...] De repente, ouviu um barulho forte, como algo quebrando. Parou e, mesmo com pressa, voltou para ver o que tinha acontecido.

Quando chegou perto, viu que uma moto tinha batido num poste. O piloto [...] estava no chão, com o rosto e o corpo machucados. Gabriel tinha um olhar atento e logo percebeu que o rapaz estava bem machucado no pé e que a moto estava vazando combustível.

[...] Gabriel correu até uma casa próxima, pediu ajuda e ligou para a emergência. Ficou ali até a ambulância chegar, mesmo sabendo que ia se atrasar na reunião. Mas para ele ajudar alguém naquele momento era mais importante do que qualquer compromisso.

- (3) [...] ele volta, e com boa capacidade de observação percebe que eram apenas gatinhos brincando com uma caixa de papelão.

No fim deu tudo certo, e João chegou no horário para a sua reunião de trabalho, bem vestido e com várias boas propostas e opiniões.

- (4) Um homem magro, branco, de cabelo cacheado, loiro [...] andava depressa até seu trabalho, pois perdeu o horário na praia com os amigos, até que um famoso o qual ele não conhecia foi atropelado, ele ficou sabendo depois que havia carregado ele no colo dali até o hospital Salgado Filho. [...] por sorte Justin Bieber não sofreu algo mais grave e chamou este homem que o salvou para trabalhar na sua indústria nos EUA, já que ele tinha perdido seu emprego aqui.
- (5) Ele estava nervoso e indo o mais rápido possível, pois tinha uma reunião importante e estava atrasado. Iria ser demitido, pois não iria chegar no horário e já tinha perdido as esperanças. Ouviu um barulho muito alto vindo da rua ao lado. Foi ver o que aconteceu e para sua surpresa seu chefe sofreu um acidente de carro e estava preso, mas logo tudo iria pegar fogo. Ele correu para salvá-lo e conseguiu tirar ele de lá. Como forma de agradecimento por ter salvado sua vida, seu chefe ignorou seu atraso e o promoveu.

- (6) A tragédia que se tornou sorte

Estava caminhando para o trabalho quando ouviu um barulho bem alto, Marcelo rapidamente correu para ver o que tinha ocorrido. Chegando ao local viu fogo em toda sua empresa, logo ele pensou que como ele estava atrasado se salvou, porém ficou triste ao ver que perderia amigos e o trabalho, logo, ligou para os bombeiros.

Os bombeiros conseguiram salvar todos inclusive sua amada. Com isso, voltou para casa com a namorada Janaína, os dois chegaram tristes quando de repente o telefone toca. A empresa liga dizendo que iria pagar todos que trabalhavam lá, assim, eles ficaram felizes, pois iriam ganhar uma boa quantia em dinheiro.

Os dois planejavam viajar, já que a quantia era grande. Foram para vários países, depois investiram o resto do dinheiro, consequentemente criaram uma empresa que depois de alguns anos tornaram-se ricos, casaram e tiveram dois filhos.

- (7) A história de um herói

Em um certo dia, havia um homem chamado Barry Allen. [...] Na rua, ele estava, quando viu uma criança atravessando a rua sozinha e de repente um carro em alta velocidade aparece, ele vê que o carro está desgovernado e a mulher que estava dirigindo não conseguia parar. Então ele pula para salvar a criança e acaba sendo atropelado.

Ele ficou em coma por um ano, e quando acorda se surpreende, pois ele adquiriu novas habilidades, ou melhor dizendo, super poderes. Ele adquiriu uma força sobre humana, uma agilidade sobre humana e também uma velocidade comparável à velocidade do som.

- (8) Em uma manhã nublada, um simples trabalhador de escritório andava rapidamente pela rua com uma roupa social [...] até ouvir um barulho alto, um estrondo vindo dos céus, rapidamente ele percebeu o que estava para acontecer, olhou para cima e logo agiu, correndo até um grande prédio a algumas quadras de onde ele está, ele correu o máximo possível para não perder uma de suas reuniões que poderia mudar sua vida. Sem um guarda-chuva em mãos o seu semblante parecia preocupado e nervoso, fazia sua maleta de cobertura sobre a cabeça para evitar as gotas de chuva forte que estavam prestes a cair.

Ao chegar no edifício, a chuva já havia caído, ele estava levemente molhado e ofegante, ele vai até o elevador para conseguir chegar até sua reunião, o problema era que o elevador estava com defeito, ele então dava uma arrancada e partia para as escadas, pulando 3 degraus por vez, até chegar em seu andar.

Nosso protagonista aparece como modelo de herói urbano. Ele percebe o que está acontecendo e age com eficiência e rapidez. Seja socorrendo uma criança, o próprio chefe, ou cuidando de gatinhos, no fim, “tudo dá certo”; ele é um funcionário exemplar, permanece bem vestido, apresenta boas ideias, é promovido, vai trabalhar nos Estados Unidos com um cantor famoso.

Seu caráter generoso é destacado; ele “não conseguiu ignorar a situação e foi ajudar”, “ajudar alguém naquele momento era mais importante do que qualquer compromisso”. Diante das situações de risco, ele não se preocupa com seu emprego e coloca a sua própria vida em risco.

Quando é um incêndio que atinge seu local de trabalho, o próprio atraso é recompensado: ele liga para os bombeiros, recebe dinheiro da empresa, investe, trona-se empresário e fica rico (é a “tragédia que virou sorte”). Não há obstáculo que o detenha, mesmo que ele tenha que correr e pular três degraus de uma só vez.

Na narrativa 8, esse herói metafórico se transforma em um herói em seu sentido literal ao ser recompensado com superpoderes. Ao agir de modo abnegado, ele se torna um verdadeiro super-herói.

Nas narrativas com protagonistas femininas, o padrão recorrente é diferente das histórias protagonizadas por homens. A mulher até age, mas sua ação é marcada pelo cuidado, pela culpa, pela aflição e pelo desespero. Ao contrário dos heróis masculinos, ela não tem o controle do evento; ela vivencia a situação e reage afetivamente.

- (9) Sua vida era sempre muito corrida pois trabalhava em um escritório com chefes nada legais e com isso não tinha tempo para seu filho, seu filho por sinal admirava bastante a mãe mesmo ela sendo ausente na maioria

das vezes. Porém não era sua culpa porque queria dar uma vida melhor para seu filho. [...] frequentemente chorava por ser uma “péssima” mãe e por ter pensamentos depressivos. Mais uma vez Natália acordou e levou seu filho para a escola e ia para o seu trabalho cansada de sua vida. [...] seu chefe a chamou em sua sala para avisar que à noite ela teria uma reunião muito importante com relação a seu futuro na empresa, o tom de seu chefe era de inveja pois ele era soberbo e arrogante com todos que tinham cargos inferiores ao seu mas teve uma visitação a sua empresa e notaram o bom trabalho e dedicação de Natália, ela se viu realizada porque não esperava essa notícia maravilhosa.

[...] saiu de casa às pressas pois o tempo se encurtava cada vez mais. Até que algo tirou sua atenção, um barulho alto e feio, quando virou viu que sua casa explodiu e simplesmente paralisou pois tudo o que mais amava acabou de “morrer” na sua frente. [...] Infelizmente encontraram seu filho, sua motivação, sua esperança, sua pureza... Não restava nada ali, só um buraco no seu peito. Ela não via motivação porque o amor de sua vida acabou de morrer.

(10) A galeria

Raquel andava rapidamente pelas ruas de São Paulo para conseguir chegar a tempo em sua reunião de trabalho. Mas de repente um forte barulho a assustou, fazendo com que ela desacelerasse os passos e andasse no caminho oposto do que estava fazendo.

Cautelosamente, Raquel entrou em uma rua sem saída e ao reparar bem, avistou duas crianças chorando. Ao ver essa cena, Raquel sem hesitar correu em direção aos pequenos e logo perguntou o que havia ocorrido. Com um semblante de desespero uma delas apontou para um entulho de concreto que parecia ter acabado de cair.

Quando Raquel observou o local, notou que havia uma menina embaixo dos destroços de uma galeria em construção. Impactada com a cena, Raquel acionou o corpo de bombeiros para o resgate da menina. Com a demora de uma hora, a criança foi resgatada, porém já sem vida.

Raquel ajudou a achar a mãe dos outros dois pequenos e caminhou para o seu trabalho com o sentimento de culpa por não ter conseguido salvar a menina de apenas quatro anos.

- (11) Fátima havia saído para a balada com suas amigas na noite anterior. Mas no dia seguinte tinha uma reunião importante em seu trabalho, acabou perdendo o horário e se atrasou toda. Ela morava sozinha, ela e seu cachorro Fred. Quando saía de casa Fátima andava rapidamente pela rua, de repente um forte barulho de batida de carro chamou sua atenção. Ela precisava chegar rapidamente em seu trabalho, porém o acidente de carro que ela havia observado chamou mais ainda sua atenção. Enfim, quando chegou mais perto para ver, o seu companheiro cachorro estava lá morto e atropelado, Fátima não percebeu, mas tinha deixado a porta aberta.

- (12) Certo dia Renata saiu para trabalhar, [...] acabou se atrasando para sair de casa e por isso colocou a primeira roupa que viu, quando foi ver estava vestindo uma calça azul e uma camisa verde, após isso ela saiu correndo para não chegar atrasada na sua primeira reunião.

No caminho se deparou com um atalho, no atalho ela entrou em uma rua vazia e mal iluminada. Na rua Renata se deparou com um beco escuro e nele ela ouviu um forte barulho vindo dele, e por mais atrasada que esteja ela decidiu parar para ver e com sua incrível capacidade de observação percebeu que era apenas dois cachorros brigando.

Então Renata foi ao trabalho e acabou perdendo sua reunião e foi demitida.

(13) A última felicidade

Com seu carro humilde, adquirido recentemente, uma mulher chamada Lúcia estava ao caminho de seu trabalho. Então, numa rua desconhecida, totalmente perdida, ela escuta um barulho que assustaria qualquer um. Sem sinal no celular, não havia a quem chamar, neste momento Lúcia já sabia que não teria outra opção. Ela cuidadosamente abre a porta do carro e se depara com um bode preto que aparentava estar ali há um tempo.

[...] ela clama por alguma força de outro plano para ajudar e então no exato momento que esta mulher termina a frase ela sentiu um fedor de enxofre, e um calor do inferno, ela vira para trás e vê uma espécie de cabra assustadora do tamanho de um ser humano, e com uma voz grossa diz:

– Pediu alguma ajuda? Posso lhe oferecer todo tipo de desejo material.

Apavorada, Lúcia pergunta de onde surgiu esta criatura.

– Você clamou por minha ajuda, você passou por mim, agora diga o que você quer.

– Queria ser rica e ser feliz.

A criatura ciente do que a felicidade significaria para a mulher, concedeu exatamente o que ela queria. A mulher dormiu e magicamente acordou em uma casa na vizinhança que todos sonhavam em ter. a vida de Lúcia estava perfeita.

Três meses depois o caos na terra começou, os jornais estavam acusando o anticristo da profecia estar no mundo. Guerras em todos países, pobreza mundial, um ser misterioso matando qualquer um, e Lúcia estava lá, ela buscou a igreja evangélica e ouviu testemunhos de pessoas que viram o bode e pediram coisas boas a ele, então o pastor anunciou que o Diabo estava realizando todos os desejos de pessoas que viverão no inferno eternamente.

Os chefes das mulheres não são “nada legais”, são “invejosos”, “soberbos” e “arrogantes”. Quando nossa protagonista Natália tem sua dedicação e seu trabalho reconhecidos, ela falha em casa e esquece o gás de cozinha ligado Sua casa explode e seu filho morre. Já existia o sentimento de culpa em sua vida, por ser uma “péssima mãe”, por ser “ausente” e “não ter tempo para seu filho”. É o sofrimento resultante da tentativa de conciliar maternidade e vida profissional.

O mesmo sofrimento de perda é imputado à Fátima. Ela vai à balada no dia anterior a uma reunião importante, sai atrasada, esquece a porta aberta, seu “companheiro cachorro” foge de casa e é atropelado. Sua negligência foi devidamente castigada.

Raquel, nossa outra protagonista, age diante de uma situação de risco de morte. No entanto, não é totalmente bem sucedida; ela falha e não consegue salvar uma menina “de apenas quatro anos”, sendo acompanhada pelo sentimento de culpa.

Renata está atrasada, mas ainda assim resolve parar para ver o que causava um barulho. Não era nada importante, apenas dois cachorros; Renata é penalizada por esse desvio de sua trajetória e é demitida.

Outra punição severa é a sofrida por Lúcia. Ela quer ser recompensada em sua vida com a felicidade, mas erra ao associá-la à riqueza. Acaba, então, por fazer um pacto com o Diabo, e é castigada no Inferno eternamente.

4.2.O perfilamento dos personagens nos cenários masculinos e femininos

Conforme mencionado, para Langacker (2008), toda expressão linguística perfila um aspecto específico de um cenário conceptual. Nos fragmentos masculinos, o perfilamento recai sobre: ação, deslocamento, resposta imediata. Nos femininos, sobre: estado emocional, vínculo afetivo, impacto subjetivo. Isso explica por que, diante de situações semelhantes (atraso na ida ao trabalho, reunião importante, barulho inesperado), as narrações se diferenciam.

Homens são construídos como personagens mais objetivos, são corajosos e têm atos de heroísmo e enfrentamento. Assumem papel de agente pleno; “correr”, “pular”, “salvar”, “carregar” são algumas de suas ações.

As mulheres são apresentadas com uma maior carga emocional e foco nas relações pessoais / afetivas e suas consequências subjetivas ou mesmo físicas (sofrimento emocional, morte). Elas têm mais destaque em suas experiências internas, e algumas das ações que as caracterizam são: “chorar”, “perder”, “desabar”, “clamar”, “assustar”.

As personagens femininas também agem, mas em frames de cuidado e de reação emocional ao inesperado (medo, culpa, assombro). São revelados, assim, distintos MCIs de homem e de mulher. Nos contos masculinos, temos o modelo de HOMEM como AGENTE, SOLUCIONADOR; ele age imediatamente diante do perigo, enfrenta riscos, salva, socorre, sendo ativado o frame de herói (ação → decisão → controle → consequência positiva).

Nesse sentido, as metáforas que permeiam os contos masculinos são VIDA É VIAGEM COM PROPÓSITO, HOMEM É HERÓI. O homem, em sua trajetória, vai ao trabalho, depara-se com um obstáculo e resolve o problema. A narrativa é orientada por um objetivo.

Nos contos femininos, aparece com frequência o MCI de MULHER como CUIDADORA, CULPADA e VULNERÁVEL. Ao realizar um desvio em sua rota, acaba sendo punida. Ela cuida das pessoas, sofre diante da perda do filho, do cachorro, fica abalada emocionalmente. Não há um controle dos acontecimentos (seja em achar o caminho, conquistar o antigo afeto, evitar a morte de crianças ou animais, entre outros), mas, sim, uma vivência subjetiva (evento → afetação emocional → reação ética / afetiva / morte).

O frame ativado com frequência não é apenas o da emergência, mas o da consequência afetiva do acontecimento. Para as mulheres, temos as metáforas VIDA É VIAGEM COM SOFRIMENTO / DOR, MULHER É AMPARO / ESTEIO. O trajeto feminino é acompanhado de peso (Raquel caminha para o trabalho “com o sentimento de culpa”). Elas são responsabilizadas pelo cuidado do outro, mas falham, por não conseguirem dar conta de múltiplas obrigações, e são penalizadas.

5. Considerações finais

Como pudemos constatar, mulheres e homens são construídos de modo diferentes, e a observação dos contos permitiu a identificação das representações do feminino e do masculino preponderantes.

Na situação analisada, os contos ativam *frames* culturais de masculinidade e feminilidade, em que homens são conceptualizados como agentes centrais da resolução do problema e as mulheres são conceptualizadas com maior densidade afetiva e relacional.

Ao ter a interrupção de sua jornada profissional, as mulheres encaram esse estímulo como uma de exercício de empatia. O perfilamento feminino se dá sobre a interioridade experiencial; de alguma forma, elas se sentem responsáveis pela situação e, em geral, o que pode ser feito por elas é o oferecimento de atitudes de carinho e cuidado.

O mundo, entretanto, é conceptualizado como um lugar trágico e punitivo. As mulheres são seres vulneráveis, vinculadas ao impacto subjetivo dos acontecimentos, e qualquer desvio, seja no trabalho ou na esfera doméstica, é motivo de punição (demissão, casa que explode, morte).

O espaço público é construído como um recipiente hostil para a mulher que se arrisca a sair do espaço doméstico, e, mesmo quando há boa in-

tenção, ela é cobrada (pelo filho e/ou pelo chefe) e se sente culpada e ineficiente, pois não consegue dar conta de suas atividades.

Para os protagonistas homens, observamos as interrupções como forças destrutivas, o que gera uma narrativa mais voltada para a ação, para a aventura do que para o desenvolvimento de relações interpessoais, como o que acontece nos contos femininos. Atuando como agente, o homem corre, pula, salva, calcula, investe e geralmente é bem-sucedido.

Mesmo quando desvia seu caminho e falha com o tempo, o homem recebe o perdão e é recompensado verticalmente (promoção, ganhar dinheiro ou superpoderes). Ele usa sua força, lógica e observação para dominar a situação, voltando ao trabalho para ser promovido, em uma visão de justiça que não só protege o “esforço heroico”, como o premia. Verifica-se, assim, ainda que de modo inconsciente, a defesa de que o espaço público é uma esfera masculina. Essa perspectiva nos parece estar gravada na cultura vivenciada pelos autores.

Não é por acaso que o número de super-heróis que permeiam o imaginário infanto-juvenil é muito maior do que o de super-heroínas. Homens são autorizados a irem para o mundo externo, eles são reconhecidos como provedores e solucionadores práticos. Já, para as mulheres, o ambiente externo é hostil, punitivo, principalmente quando essa mulher precisa “abandonar” o seu filho devido ao exercício de uma dupla jornada de trabalho, dentro e fora de casa.

É de extrema importância que a identificação das representações preponderantes de gênero auxilie na constatação de que, sendo construções sociais, elas não são imutáveis. Ao tomarem posse dessas informações, os alunos se declararam surpresos, mas, ainda assim, puderam se reconhecer em suas produções textuais e perceberam, nelas, sua voz e suas experiências de mundo, em uma oportunidade de reflexão e de mudanças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de *et al.* Breve introdução à linguística cognitiva. In: ____ *et al.* *Linguística cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro: PUBLIT, 2009. p. 15-50
- FERRARI, Lílían. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.
- FILLMORE, Charles. Frame Semantics. In: Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the morning calm: selected papers from SICOI – 1981*. Seoul: Hanshin Publishing Co., 1982. p. 111-37

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor and Emotion: language, culture, and body in human feeling*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

_____. *Language, mind, and culture: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2006.

_____. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, George. The meaning of literal. *Metaphor and Symbol*, v. 1, n. 4, p. 291-96, 1986.

_____. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____. *Don't think of an elephant! Know your values and frame the debate*. White River Junction: Chelsea Green Publishing, 2004.

_____; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. da trad. Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002.

LANGACKER, Ronald Wayne. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LIMA, Paula; FELTES, Heloísa; MACEDO, Ana Cristina. Cognição e metáfora: a teoria da metáfora conceitual. In: MACEDO, A.C.; FELTES, H.; FARIAS, E.M. (Orgs). *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: Educs; Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 127-65

ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. (Ed.). *Cognitive development and the acquisition of language*. New York: Academic Press, 1973. p. 111-44

SCHRÖDER, Ulrike Agathe. Metáforas tecnológicas do cotidiano: uma análise do falar alemão. *Pandaemonium Germanicum: revista de estudos germanísticos*, n. 8, p. 235-61, ago. 2004.

_____. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e socio-cognitiva da metáfora. *Alfa*, v. 52, n. 1, p. 39-56, São Paulo, jan. 2008.